

FOTOGRAFIA

Geraldo de Barros exhibe imagens pioneiras

MIS abre hoje exposição com trabalhos feitos pelo artista na década de 40, resgatados por museu suíço no ano passado

ANGÉLICA DE MORAES

Desenhos infantis, escavados com ponta de prego na espessura do reboco de um muro no bairro paulistano do Tatuapé, deixaram de fazer parte de uma anônima paisagem suburbana para ingressarem na história da fotografia internacional. Fotos desses rabiscos, feitas em 1948 pelo artista plástico Geraldo de Barros, influenciado pela obra de Paul Klee, são hoje um dos marcos da fotografia de arte. Exibidas em 1950 em São Paulo — junto com dezenas de outras imagens banais como garrafas de leite ou grades de jardim, transfiguradas pelo olhar abstrato-geométrico de Geraldo — elas renderam a seu autor uma bolsa de estudos do governo francês e uma longa temporada em Paris. Um prêmio que deixou atônitos seus colegas do Foto Cine Clube Bandeirantes: eles o julgavam um maluco. Exibidas no ano passado em um dos principais museus europeus dedicados à

fotografia — o Musée de l'Elysée (Lausanne, Suíça) —, esse conjunto, denominado *Fotoformas*, pode ser visto novamente no Brasil a partir de hoje, no Museu da Imagem e do Som, na mostra *Geraldo de Barros, Fotógrafo*.

Ver essas 105 fotos, feitas no período de 1946 a 1951, é uma experiência impactante que lança luz sobre a gênese dos procedimentos adotados por Geraldo de Barros em sua carreira de artista plástico. Colega de Man Ray no papel de pioneiro da foto abstrata, Geraldo é mais conhecido no País como um dos nomes centrais da arte concreta, movimento que ajudou a fundar na década de 50, na volta de sua experiência européia. Atualmente com 71 anos e aposentado, o artista exibiu uma reedição de sua série de quadros concretistas *Jogos de Dados* na Bienal Internacional de São Paulo de 1991.

Jogos de Dados foi feito em 1986 com recortes em fórmica preta e branca que criam volumes vir-

tuais a partir de variações formais em torno da figura geométrica do cubo. O mesmo procedimento — o recorte e a translação das formas — já era adotado por ele na última fase de suas *Fotoformas*. Foi quando passou a recortar um segmento do negativo (um quadrado, um retângulo ou um círculo) e girá-lo sobre o negativo original, unindo as partes com um sanduíche de lâminas de vidro. Esse 'negativo-colagem' proporcionou as imagens mais radicalmente abstratas do fotógrafo Geraldo e resultou no seu rito de passagem para o concretismo.

As fotos comparecem na exposição em cópias originais feitas pelo próprio autor nos anos 50 ou através de tiragem especial, realizada pelo laboratório suíço *La Chambre Clair*, especializada em restauração e conservação de negativos e que presta serviços ao Musée de l'Elysée. "Os técnicos nos agradeceram a oportunidade de entrar em contato com uma obra que os desafiou a ver de

modo muito diverso o ato de ampliar uma imagem", diz uma das filhas do artista, Renata Barros. Renata achou os negativos de Geraldo esquecidos no fundo de um armário dele, dentro de uma caixa. "Aquilo estava lá havia três décadas e foi surpresa tanto para mim como para ele".

Restaurados, os negativos foram depositados no museu suíço, que teve 150 cópias dessas imagens incorporadas ao seu acervo. Parte disso — 40 fotos — será doado ao MIS pelo artista. A escolha do museu suíço para a guarda do acervo de negativos deve-se ao fato, frisa Renata, de ele possuir "condições técnicas ideais para armazená-lo".

SERVIÇO

Geraldo de Barros, Fotógrafo — Exposição de 105 fotos do artista. De hoje a 25 de setembro, no MIS. Terça a domingo, das 14h às 22h. ☎ 280-0896

BRAS
RENDERAM AO
AUTOR UMA
BOLSA DE
ESTUDOS DO
GOVERNO
FRANCÊS

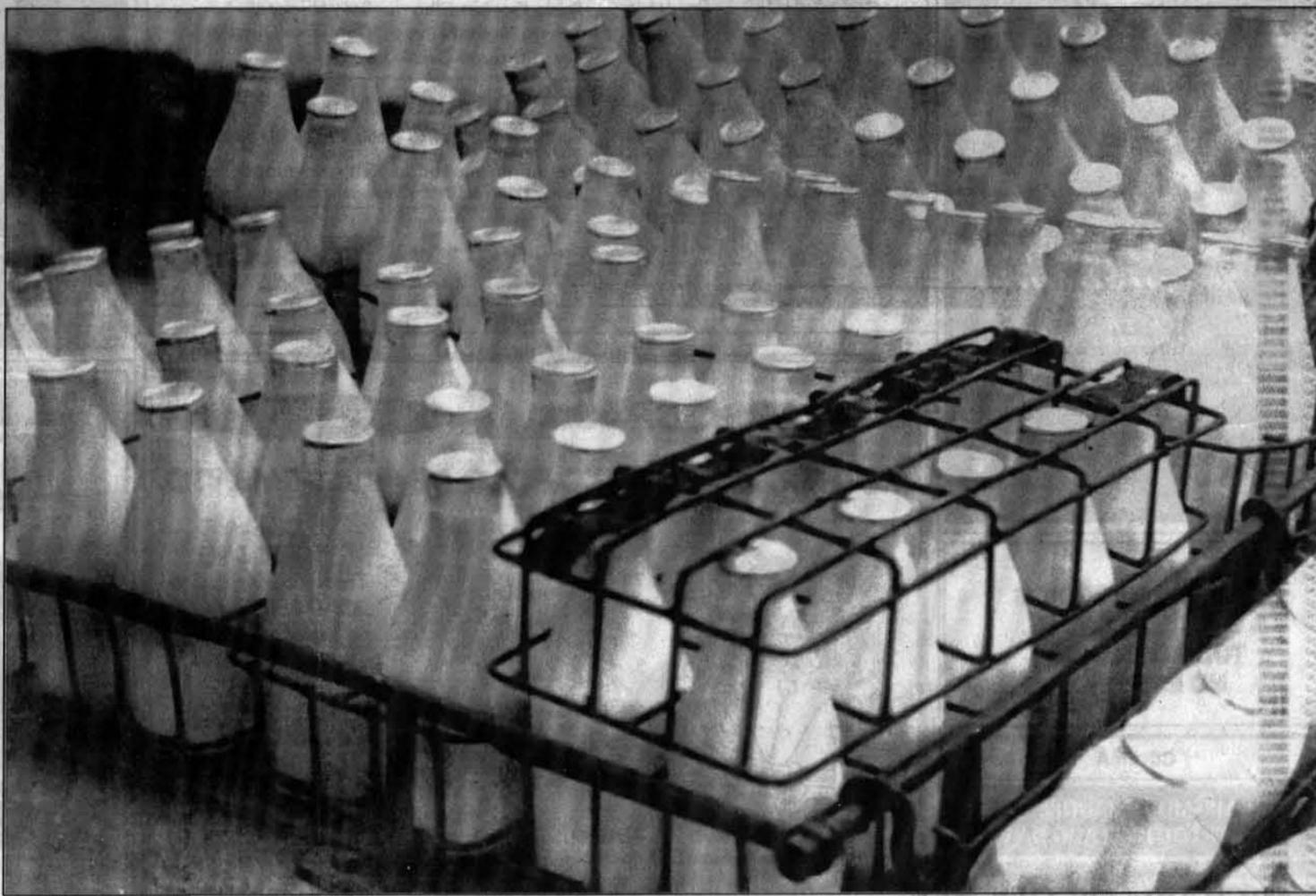


Foto sem título de 1948: Geraldo de Barros, hoje com 71 anos, lança seu olhar abstrato-geométrico sobre uma cena banal do cotidiano

Artista fez revolução com Rolleyflex



Geraldo de Barros: 40 de suas 150 fotos serão doadas ao MIS

Geraldo de Barros, armado apenas de uma Rolleyflex modelo 1939 e filme preto-e-branco comum, produziu uma revolução visual. Com a composição já definida na cabeça, ele ia à caça das imagens para construí-la. Realizava várias exposições do mesmo negativo, comandando com exatidão os ângulos em que deveria colocar a câmera para conseguir sua imagem composta. A maioria das invenções, porém, surgia no escuro do laboratório. Adotando procedimentos da gravura em metal, riscava com ponta seca os negativos. Cancelava parte da imagem com nanquim preto ou as recortava e reunia a outras.

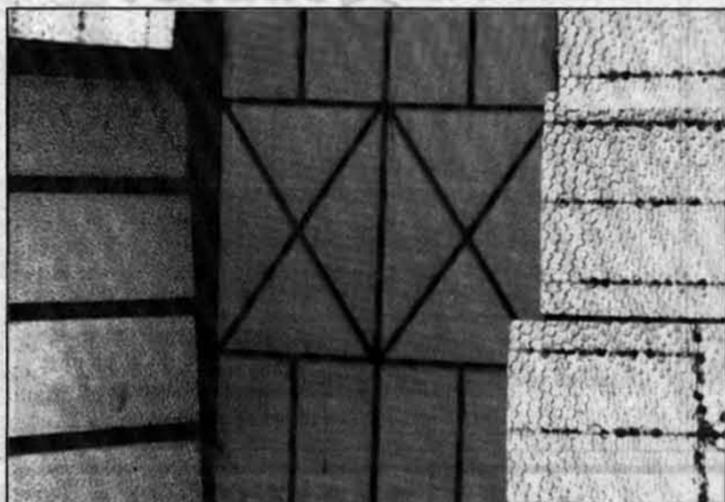
O auge da transgressão aconteceu quando aboliu a máquina fotográfica e passou a fazer exposições diretas da luz do ampliador sobre o papel sensível, usando cartões perfurados ou pedaços de celofane em lugar do negativo. Isso tudo no final da década de 40. Para o diretor do Musée de l'Elysée, Charles-Henri Favrod — que veio a São Paulo especialmente para a inauguração da mostra e para dar uma palestra no MIS, na sexta-feira, às 20 horas — "Geraldo de Barros mostrou que a fotografia não é apenas representação da realidade".

Ainda conforme o especialista suíço, "Geraldo realizou uma pesquisa muito inteligente que lançou a fotografia no coração das principais questões plásticas da sua época". Para ele, "mais do que geometrizar a forma, ele propôs volumes virtuais". Mais do que usar a fotografia como anota-

ção de idéias — um procedimento habitual entre os artistas plásticos desde o escultor francês Auguste Rodin — Geraldo teria, segundo Favrod, "influído decisivamente na invenção de uma nova linguagem para ela".

Hoje, mesmo falando com dificuldade em razão de um acidente vascular-cerebral que lhe tocou os movimentos, Geraldo faz questão de frisar que "nenhuma paraférmia tecnológica ou equipamento pode substituir a criatividade". A foto colorida, no entanto, não o atrai. Radical, ele fulmina: "A cor é algo falso". E insiste em dizer que "fotografia colorida é coisa para souvenir de férias". Um bom fotógrafo contemporâneo? Ele não se faz de rogado: "Cássio Vasconcelos".

As duas filhas de Geraldo — Renata e a poeta visual Lenora de Barros — organizaram o catálogo *Fotoformas*, produzido em coedição com a Secretaria de Estado da Cultura e que reúne 100 fotos escolhidas pelo próprio autor. (A.M)



Fotomontagem de 1949: origens do concretismo no Brasil



Auto-retrato do artista no final dos anos 40: radical e impactante

Blue Life
ASSISTÊNCIA MÉDICA

LIGUE JÁ:

(011) 259-8000